
Considerações sobre o Controle das Condições Ambientais nas Grandes Bibliotecas

LUÍS ELIAS CASANOVAS

Instituto Português do Património Cultural

«Le passé est, par definition, un donné que rien ne modifiera plus. Mais la connaissance du passé est une chose en progrès qui sans cesse se transforme et se perfectionne»

MARC BLOCH

I

EM 1986 apresentámos na 1.ª Semana dos Arquivos em Cascais uma comunicação sobre a evolução das condições ambiente na Biblioteca de Mafra ao longo de um ano¹. Relidas hoje constatamos que talvez possa ter interesse analisar o texto como ponto de partida para um estudo que se impõe e que envolve, em nossa opinião, o futuro da conservação de uma parte significativa do nosso espólio bibliográfico.

Vamos pois começar por resumir o essencial do texto de 1986.

II

Em 1985 a pedido da então responsável pelo Palácio de Mafra Dr. L. F. Marques da Gama, e com a colaboração do técnico da biblioteca Carlos Abreu, efectuámos registo das condições ambiente da Biblioteca de Mafra de Fevereiro a Agosto.

Das conclusões que retiramos dessa análise destacamos antes de

mais o facto, constatado logo no início, de um único aparelho ser suficiente para registar com razoável precisão as condições de toda a sala o que só se podia explicar por uma grande estabilidade do ambiente, que os registos efectuados vieram confirmar.

Com efeito a temperatura oscila 10°C entre Fevereiro e Agosto e a humidade relativa 15%, entre um mínimo de 60% e um máximo de 75%. Ora se a estabilidade da temperatura aparece como natural dada a espessura das paredes, o caso da humidade relativa é mais difícil de explicar.

O que nos parece mais importante é olhar a casa de Maфра na perspectiva mais ampla das condições ambiente das grandes bibliotecas.

Com efeito a 11°C e 75% ambiente média em Fevereiro, correspondera por aquecimento até aos 21°C, 40% de humidade relativa. Inversamente 21°C e 60% no verão, deveriam significar no inverno 100% de humidade com formação significativa de condensação que não se observa. A explicação reside no facto constatado na prática de no inverno ser difícil retirar os livros das prateleiras, enquanto no verão se movimentam com toda a facilidade, isto devido ao fenómeno estudado por Garry Thomson em pequenas vitrinas e

que consiste na absorção do vapor de água pelas estruturas celulósicas (papel e madeira)². Cálculos aproximados efectuados em relação à Biblioteca de Maфра demonstram que a relação peso da madeira-papel por m³ de volume se encontra próxima dos valores definidos por Thomson.

Outra conclusão posta em evidência por um acidente — oportunamente assinalado pelo técnico Carlos Abreu — foi a extrema delicadeza e conseqüente fragilidade deste equilíbrio com mais de 200 anos: a abertura ocasional de uma janela provocou de imediato uma oscilação do registador: a temperatura subiu 6°C e a humidade relativa desceu 20%, e só passado mais de 12 horas é que tudo voltou à normalidade.

Esta constatação levou-nos a deixar em aberto algumas questões uma das quais se prende com as estantes: interrogamo-nos com efeito sobre se apesar do risco de incêndio a madeira, boa madeira bem tratada e bem trabalhada, não ser o material ideal.

As condições reais em que se mantiveram documentos que chegaram quase intactos até nós eram, provavelmente, muito pouco ortodoxas.

Mas o que nos parece mais importante é olhar o caso de Maфра na pers-

pectiva mais ampla das condições ambiente das grandes bibliotecas.

III

O Dr. Joel Serrão escreveu um dia³ «Pelo tempo fora, gradualmente, numa luta persistente foram aparecendo e envelhecendo, *no meio da correlativa fumarada*, as tochas, as primeiras lâmpadas, as velas...» E não resistimos a citar Marc Bloch⁴ «... les froids (étaient) jusque dans les salles des chateaux, plus rigoureux».

A que se deve portanto a conservação dos documentos?

Com efeito fixar uma temperatura de 18-20°C para uma biblioteca ou arquivo em Portugal é colocar o seu responsável perante um objectivo inatingível porque os custos inerentes são incomportáveis, mesmo para um edifício novo

Ou seja: as condições reais em que se mantiveram documentos que chegaram quase intactos até nós eram, provavelmente, muito pouco ortodoxas. A fazer fé em J. Serrão e Marc Bloch as bibliotecas não deviam primar pelo conforto e pela limpeza. E no entanto os documentos sobreviveram, sem aparelhagem complicada, e em condições que seriam muito provavelmente mais gravosas do que as de Mafra, isto porque em

Portugal, a construção apesar da imponência de algumas, como Tiães, era de má qualidade no tocante às características térmicas dos materiais utilizados, sendo portanto previsível que as oscilações anuais fossem bem mais acentuadas do que em Mafra.

A que se deve portanto a conservação dos documentos? Estes últimos anos ensinaram-nos que a resposta a esta pergunta não se pode formular de forma universal, e terá que ser estudada quase caso a caso. E a experiência de Mafra confirma que definir valores padrão para as condições ambiente de uma biblioteca ou arquivo histórico não é tarefa fácil, e nem sequer nos parece necessária...

Impõe-se em nosso entender definir para cada caso condições de conservação tecnicamente correctas, mas bem adaptadas à nossa realidade cultural e economica.

Com efeito fixar uma temperatura de 18-20°C para uma biblioteca ou arquivo em Portugal é colocar o seu responsável perante um objectivo inatingível porque os custos inerentes são incomportáveis, mesmo para um edifício novo. Importa pois encontrar outra forma de garantir a conservação, o que só o contacto permanente com o acervo e o recurso à investigação laboratorial podem ajudar a definir.

Assim impõe-se em nosso entender um trabalho de colaboração estreita entre quem conserva, quem estuda e quem divulga, tendo como objectivo definir para cada caso condições de conservação tecnicamente correctas, mas bem adaptadas à *nostra* realidade cultural e economica.

Notas

¹ *Semana dos Arquivos*. Cascais, 1986. IPCC, 1987.

² «Relative Humidity. Variation in case containing wood». *Studies in Conservation*, 1964.

³ *O segredo de aurora*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1952.

⁴ *La Socièté feudale*. Paris: Albin Michel, 1969.

